

**As obras da  
FUVEST - UNICAMP**

**1**

*Viagens na Minha Terra*



**ALMEIDA GARRET**



**VIAGENS NA MINHA TERRA**

*“Quero contar-se a minha história:  
verás nela o que vale um homem. Sabe  
que os não há melhores que eu; e tão  
bons, poucos. Olha o que será o resto!”*

(Da carta de Carlos a Joanhina em  
*Viagens na minha Terra*, capítulo XLIV)



**Almeida Garrett**  
(1799-1854)

## 1. VIDA – ALMEIDA GARRETT

(Porto, 1799 – Lisboa, 1854)

Em 4 de fevereiro de 1799, na cidade do Porto, nascia João Baptista da Silva Leitão de Almeida que, mais tarde, adotaria o sobrenome Garrett (de acordo com o autor a pronúncia correta seria *Garrette*) de um ascendente irlandês do pai.

Com a invasão francesa em Portugal, guerras napoleônicas e a fuga da Família Real para o Brasil, Garrett e os pais se retiraram para Lisboa e de lá para a ilha Terceira nos Açores, onde o autor iniciou seus estudos e acabou sendo encaminhado por um tio para a vida eclesiástica, o que lhe propiciou uma sólida formação vernácula e filosófica.

Em 1815, assinando com o pseudônimo árcade Josino Duriense, Garrett elabora o primeiro poema seguindo o modelo camoniano, *Afonseneida* ou *Fundação do Império Lusitano*, e abandona a batina seguindo para a Universidade de Coimbra, onde se matriculou aos dezessete anos de idade com o apoio dos pais.

Adotando finalmente o nome Garrett, engajou-se em uma sociedade secreta revolucionária e liberal e, também, nas atividades teatrais, além de causar escândalos com a escritura do poema Retrato de Vênus e com o casamento com uma jovem de quinze anos de idade (oito anos a menos do que Garrett): Luísa Cândida Midosi. Logo depois, em uma queda do cavalo, o autor adquiriu uma cicatriz na cabeça que o obrigou a usar peruca pelo resto da vida. Por essa altura, já se engajava Garrett em favor dos liberais portugueses.

Ao receber o grau de doutor em Leis, Almeida Garrett encenou sua tragédia *Catão*, aludindo ao movimento revolucionário português, glosando o tema “Liberdade e morte”, ocasião em que começou a desenvolver o projeto de reformar o teatro em Portugal que se via carente de grandes peças de autoria genuinamente portuguesa. No ano seguinte ele publicou *O Retrato de Vênus* que seria duramente atacado pela imprensa conservadora, que vinculava a obra ao epicurismo, ao deísmo materialista e obscenidades, indo o poeta a julgamento e ganhando a absolvição.

Devido à Contrarrevolução Absolutista, conhecida como Vilafrancada, em 1823, Garrett fugiu para a Inglaterra, voltou clandestinamente à pátria, mas, sendo descoberto, foi deportado, deixando a esposa em Portugal. Nessa ocasião, Almeida Garrett se hospedou em casa de Thomaz Haddley e se envolveu sentimentalmente com as três filhas de seu hospedeiro (essas relações assemelham-se às de Carlos, protagonista de *Viagens na minha terra*) até a esposa Luísa ir ter com o marido.

Vivendo como correspondente na casa bancária Lafitte, o autor português escreveu *Camões e Dona*

*Branca*, poemas considerados os introdutores das tendências românticas em Portugal e, mesmo em imensas dificuldades financeiras, Garrett tentou negociar seu retorno à pátria em 1825.

Finalmente, com a Carta Constitucional de D. Pedro I (IV em Portugal), Garrett regressou à terra natal sendo readmitido no serviço público e, assim, retomando sua atividade política. Em 1827, fundou o periódico *O Cronista*, sendo perseguido pela defesa à Carta e a D. Pedro, fatos que levariam o jornal a ser fechado.

Em 1828, quando D. Miguel dissolveu as Cortes Constitucionais e restabeleceu o poder absolutista a partir de uma atmosfera de violência e repressão, Garrett entristeceu profundamente com a morte da filha e um novo exílio para o autor, que voltou à Inglaterra e fundou em 1831 o jornal político *O precursor*.

Com a organização de uma expedição militar contra o governo miguelista português, Almeida Garrett partiu para a França juntamente com Alexandre Herculano, ocasião em que Garrett começou a escrever o romance *O arco de Santana*, justamente durante o cerco da cidade do Porto e a derrota de D. Miguel em Évora Monte, o que proporcionou o retorno de diversos portugueses à terra natal, inclusive Almeida Garrett, pobre e desempregado.

Rapidamente nomeado para uma comissão de reforma do ensino português, encarregado de negócios junto ao governo da Bélgica e Cônsul Geral de Portugal, no mesmo país em 1834, Almeida Garrett dedicou-se imensamente, nessa ocasião, à leitura da obra de Goethe, Schiller e Helder e aos estudos intensos sobre a língua e literatura alemãs, sempre em meio a dificuldades financeiras.

Em 1836, Garrett e Luísa terminaram o casamento em decorrência da traição clara da esposa, o que era de conhecimento de muitos. No ano seguinte, Garrett foi eleito deputado e passou a viver com Adelaide Deville Pastor. Empenhando-se nos problemas do teatro português, o autor leva à cena *Um auto de Gil Vicente* no mesmo ano em que foi nomeado Cronista-Mor do Reino, cargo que fora de Fernão Lopes no século XV. Outras peças vieram logo a seguir: *D. Felipa de Vilhena*, em 1840, *O Alfageme de Santarém*, em 1842 e *Frei Luís de Sousa*, em 1843.

Almeida Garret acumulou, no entanto, uma série de dissabores: a morte de mais dois filhos, o que lhe causou profunda tristeza, amenizada apenas com o nascimento de Maria Adelaide em 1841; a vida pública conturbada, que lhe ocasionou a demissão dos cargos os quais ocupava; e o falecimento da mãe e da jovem esposa de apenas vinte anos de idade.

Em 1842, reeleito deputado e retomando a atividade parlamentar interferiu na reforma do ensino português e, em busca de descanso, fez de 17 a 26 de julho uma viagem a Santarém, recolhendo assunto e dados para uma série de artigos intitulados *Viagens na minha terra*.

Reintegrado ao cargo de Cronista-mor, o autor publicou em dois volumes as *Viagens na minha terra* que haviam ficado incompletas na edição da Revista Lisbonense, em 1846. O último livro de Garrett, de tema brasileiro, *Helena*, não foi acabado devido ao agravamento de seu estado de saúde, falecendo o romântico português em 9 de dezembro de 1854.

## 2. PANORAMA HISTÓRICO DA ÉPOCA

- 1799 – Nascimento de Almeida Garrett.
  - Início da regência do príncipe D. João VI.
- 1801 – “Guerra dos Laranjas” em que Portugal é invadido pela Espanha, aliada da França.
- 1803 – Surge a locomotiva a vapor.
- 1804 – A neutralidade de Portugal na guerra anglo-francesa é reconhecida por Napoleão.
- 1805 – Morte de Manuel Maria Barbosa du Bocage.
- 1806 – Bloqueio continental decretado por Napoleão.
- 1807 – Portugal é intimado pela França a fechar os portos à Inglaterra.
  - Primeira invasão francesa comandada por Junot.
- 1808 – O comércio do Brasil é internacionalizado.
  - Desembarque de tropas inglesas em Portugal.
  - Insurreição contra os invasores franceses.
  - Revoltas populares contra os franceses e intervenção de tropas inglesas.
  - Os franceses saem de Portugal depois da convenção de Sintra.
  - Chegada da Família Real ao Brasil.
- 1809 – Primeiro Jornal diário (Diário Lisbonense).
  - Garrett parte para a Ilha Terceira.
- 1810 – Terceira invasão francesa.
  - Tratado comercial com os ingleses em que estes são beneficiados.
- 1811 – Retirada dos franceses depois da derrota.
- 1812 – Lojas maçônicas em Portugal.
- 1814 – Abdicação de Napoleão.
  - Abertura do Congresso de Viena.
  - Jornal Liberal *O investigador português* (Londres)
- 1815 – O Brasil passa a ser considerado um reino unido a Portugal.
  - Os 100 dias de Napoleão, derrota em Waterloo; exílio em Santa Helena.
- 1816 – Morte de D. Maria I, no Rio de Janeiro e início do reinado de D. João VI.
  - Garrett ingressa na Universidade de Coimbra.
- 1817 – Conspiração anti-inglesa dirigida pelo general Gomes Freire, o qual foi executado depois de ter sido descoberto.
- 1819 – Nascimento de D. Maria II.
  - Triunfo do Liberalismo na Espanha.
- 1820 – Revolução Liberal, iniciada no Porto em 24 de Agosto.
  - Criação da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino em Lisboa.
  - Eleições para as primeiras Cortes Constituintes.
  - Início da utilização da máquina a vapor em Portugal.
- 1821 – Abolição dos direitos feudais.
  - Extinção do Tribunal do Santo Ofício.
  - Criação do Banco de Lisboa .
  - Regresso do Brasil de D. João VI.
  - Abolida a censura prévia e regulamento da liberdade de imprensa em Portugal.
- 1822 – Conclui-se a elaboração da primeira Constituição jurada por D. João VI.
  - Independência do Brasil.
  - Garrett casa-se com Luísa Midosi.
- 1823 – “Vila Francada”, golpe de Estado que restabeleceu o poder absoluto de D. João VI e pôs fim à vigência da Constituição.
  - Restauração do Absolutismo.
  - Exílio de Garrett na Inglaterra.
- 1824 – “Abrliada”, golpe de Estado falhado que leva D. Miguel ao exílio.
  - Primeira Constituição Brasileira, outorgada por D. Pedro I do Brasil.
  - Os Estados Unidos reconhecem a independência do Brasil.
- 1825 – Portugal e Inglaterra reconhecem a independência do Brasil.
  - Garrett publica *Camões*.
- 1826 – Morte de D. João VI.
  - D. Pedro IV é aclamado rei.
  - Carta Constitucional é outorgada e jurada do Brasil.
  - Abdicação de D. Pedro IV em favor de D. Maria da Glória (D. Maria II), sua filha.
  - Contrato de matrimônio entre D. Miguel e D. Maria.
  - Garrett publica *D. Branca* e regressa à Portugal.
- 1827 – D. Pedro confia a regência a D. Miguel.
  - Agitação antiliberal.
- 1828 – D. Miguel regressa a Portugal como regente do reino e jura obediência à Carta Constitucional
  - D. Miguel dissolve as Cortes e manda reunir outras que o declaram monarca absoluto.
  - Começo das perseguições aos liberais, que são obrigados a fugir.
- 1829 – Liberais começam a resistência nos Açores.
  - Segundo exílio de Garrett na Inglaterra.
  - Reconhecimento de D. Miguel como rei.
- 1830 – A peça *Hernani*, de Victor Hugo, é encenada na França, revolucionando o teatro.
  - Morre Carlota Joaquina.
- 1831 – D. Pedro abdica do trono do Brasil e regressa à

- Europa para preparar luta contra D. Miguel.
- Preparação na Inglaterra, com o auxílio de emigrados portugueses, de uma expedição aos Açores, sob o comando de D. Pedro.
- 1832 – Começo da Guerra Civil com o retorno dos Liberais emigrados e a ocupação do Porto.
- Publicação da segunda parte de Fausto de Goethe.
- 1833 – Lisboa é tomada pelos liberais.
- Desembarque de D. Pedro na capital.
- 1834 – Convenção de Évora Monte, que marca a derrota dos partidários de D. Miguel que renuncia.
- Garrett é Cônsul-geral na Bélgica.
- Extinção das ordens religiosas e nacionalização dos seus bens.
- Morte de D. Pedro IV (I no Brasil) e começo do reinado efetivo de D. Maria II.
- Perseguições aos Absolutistas.
- 1836 – Revolução de Setembro.
- Retorno teórico à Constituição de 1822 e abolição da Carta.
- Fundação do Conservatório de Arte Dramática.
- 1837 – Garrett é deputado pela Ilha Terceira.
- 1838 – Nova Constituição.
- Primeira exposição industrial portuguesa.
- Funda-se a Sociedade de Artistas Lisbonenses.
- 1839 – Jornal *Revolução de Setembro*.
- 1840 – Demissão de Garrett de cargos públicos.
- 1842 – Almeida Garrett fez representar na inauguração do Teatro Maria II a peça *Alfageme de Santarém*.
- Governo autoritário de Costa Cabral.
- Restauração da Carta Constitucional.
- 1843 – Publicação das obras *Viagens na minha terra*, *Frei Luís de Sousa* e *Romanceiro*.
- Alexandre Herculano publica o romance *O Bobo*.
- 1844 – Reforma no ensino.
- Revolta Setembrista em Torres Novas.
- 1845 – Morse inventa o telégrafo elétrico.
- Nasce Eça de Queirós.
- 1846 – Crise financeira.
- Fundação do banco de Portugal.
- Revolta da Maria da Fonte: queda de Costa Cabral.
- Início do movimento da Patuleia.
- Guerra civil.
- 1848 – Criação da Associação Industrial Portuense.
- 1849 – Regresso de Costa Cabral ao poder.
- 1850 – Limitações à liberdade de expressão.
- Protestos de intelectuais.
- 1851 – Golpe de Estado dirigido por Saldanha, que inicia a Regeneração.
- Queda do Cabralismo.
- 1852 – Criação do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria.

- Silva Porto começa a efetuar explorações em Angola.
- Garrett é Ministro dos Negócios Estrangeiros e recebe o título de Visconde.
- Promulgação do Ato Adicional à Carta.
- 1853 – Morte de D. Maria II e regência de D. Fernando, seu marido, durante a menoridade de D. Pedro V de Portugal.
- 1854 – Guerra da Crimeia.
- Morte de Almeida Garrett.

### 3. CARACTERÍSTICAS DO AUTOR

Garrett foi uma das principais personagens na evolução da literatura e teatro portugueses, propondo e executando uma sequência de alterações inovadoras. O teatro nacional português, idealizado por Almeida Garrett, iniciou um processo de divórcio das tragédias que eram importadas da França e da Itália para serem encenadas em Portugal, atendendo, desse modo, a expectativa do público português desejoso de uma literatura original e que construísse o sentido de pátria livre.

*Camões* e *D. Branca*, marcos do início do Romantismo em Portugal, são dois poemas de caráter narrativo em que Garrett retrata o amor à pátria e as lutas da reconquista, respectivamente; *Um auto de Gil Vicente* é uma homenagem de Garrett ao fundador do teatro português; *Frei Luís de Sousa*, ambientado no século XVII, retoma situações ligadas à Batalha de Alcácer-Quibir e o mito de D. Sebastião, atitude nacionalista também presente em *Viagens na minha terra* e *O arco de Santana*.

A proposta da construção do Teatro Nacional de D. Maria I, a fundação do Conservatório Dramático e o empenho no fomento de uma produção dramática de caráter nacional são algumas das iniciativas de Garrett que o destacam no esforço pela valorização do teatro português, uma tarefa de ampla projeção cultural diretamente associada à Revolução de Setembro na qual Garrett se envolvera.

Almeida Garrett, típico representante da revolução liberal, foi peça atuante e dominante em todo processo revolucionário, quer no sentido político, quer no literário, chegando a retratar detalhadamente os costumes, a história, a religião e a cultura portuguesa.

Educado na tradição clássica, Garrett foi um escritor regido pelo ecletismo artístico e pela habilidade da combinação harmoniosa de elementos temáticos e técnico-literários que mesclam a tendência clássica, na qual ele foi educado, e as novas propostas românticas europeias.

A frase impecavelmente trabalhada, o poder de concisão e o ritmo padronizado são algumas das qualidades clássicas que Garrett desfila ao lado da variedade temática que discute: literatura, filosofia, religião, arte, história, política, arquitetura.

Para a inserção de tantos e variados assuntos, o autor vale-se de digressões constantes, ou seja, a livre associação de ideias que se desenvolve por um assunto ir originando outro, isto é, a digressão caracteriza-se pela estratégia de os temas irem se desviando à medida em que despertam novos interesses a serem discutidos, sendo que tais divagações envolvem, na obra de Garrett, questões morais, científicas, psicológicas, artísticas, paisagísticas e, principalmente, no romance *Viagens na minha Terra*, literárias e políticas.

Almeida Garrett foi um liberal progressista vinculado afetivamente à tradição lusitana e essa postura antitética perpassou por sua obra como força de mudança política frente à mentalidade passadista e frustrada politicamente, mas não renegando a beleza artística e histórica do passado português.

#### 4. VIAGENS NA MINHA TERRA

Em seu livro *Viagens na minha Terra* Almeida Garrett entremeia várias narrativas e reflexões que vão da preocupação jornalística e histórica até a política e literária.

O autor inicia explicando porque escreveu o livro, mencionando Xavier de Maistre e sua obra *Viagem à roda de meu quarto*, afirmando que se este último tivesse escrito seu livro em Portugal, certamente iria até ao quintal, numa alusão a que o país de Garrett deveria ser visto de forma mais extensa. Justificando a dimensão de sua obra, afirma que de toda sua experiência e do que lhe foi contado em sua viagem de Lisboa a Santarém resultará seu livro: *“De quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há-de fazer crônica”*.

No barco em que viajava estavam presentes dois grupos distintos: os homens do norte e os do sul a discutir quem era o mais forte. Durante o percurso, Garrett revela que o verdadeiro motivo de ter escrito sobre uma viagem era mostrar a marcha do progresso social de Portugal. Ao chegar à costa, Luís Teixeira Sampaio oferece-lhe lugar em sua carroça até Azambuja onde irá acomodar-se em um alojamento depreciável, mesmo sendo o primeiro lugar com ar de conforto às margens do Nilo português (rio Tejo).

Reflete, então, acerca do materialismo e dos lucros dos homens, do sofrimento para tornar-se rico, da Ciência ser tolice e orgulho dos néscios. Decidido em fazer reputação com o livro, Garrett parte discursiva, então, sobre a beleza e compara Démades a Addison, propiciando um verdadeiro debate entre eles. O autor sonha acordado e tem consciência disto, tanto que aconselha os leitores a saltarem as páginas e a passarem ao capítulo seguinte.

Conversa, então, com o leitor sobre o que é escrever um drama ou um romance dando-nos uma receita de romance antes de partir para Santarém montado em uma mula:

*“Trata-se de um romance, de um drama — cuidas que vamos estudar a história, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulcros, os edifícios, as memórias da época? Não seja pateta, senhor leitor, nem cuide que nós o somos. Desenhar caracteres e situações do vivo da natureza, colori-los das cores verdadeiras da história... isso é trabalho difícil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e sobretudo tacto!... Não senhor: a coisa faz-se muito mais facilmente. Eu lhe explico.*

*Todo o drama e todo o romance precisa de:*

*Uma ou duas damas, mais ou menos ingênuas.*

*Um pai — nobre ou ignóbil.*

*Dois ou três filhos, de dezanove a trinta anos.*

*Um criado velho.*

*Um monstro, encarregado de fazer as maldades.*

*Vários tratantes, e algumas pessoas capazes para intermédios e centros.*

*Ora bem; vai-se aos figurinos franceses de Dumas, de Eug. Sue, de Vítor Hugo, e recorta a gente, de cada um deles, as figuras que precisa, gruda-as sobre uma folha de papel da cor da moda, verde, pardo, azul — como fazem as raparigas inglesas aos seus álbuns e scrapbooks; forma com elas os grupos e situações que lhe parece; não importa que sejam mais ou menos disparatados. Depois vai-se às crônicas, tiram-se uns poucos de nomes e de palavras velhas; com os nomes crismam-se os figurões, com os palavras iluminam-se... (estilo de pintor pinta-monos). — E aqui está como nós fazemos a nossa literatura original.*

*E aqui está o precioso trabalho que eu agora perdi!”* (p. 22).

Comentando sobre *Os lusíadas*, verifica que é o melhor desde a *Divina comédia* até *Fausto* e insuperável desde que fora escrito. Passa pela charneca e lembra-se da última revista do Imperador D. Pedro ao exército liberal, criticando as guerras que matam muitos e chegam a ser inúteis. Recordar-se, então, de Ênio Manuel Figueiredo, escritor de treze volumes e peças teatrais que, se fossem um pouco mais detalhadas, seriam excelentes comédias. Porém, os títulos são importantes, aliás, segundo ele, alguns nem deveriam ter livro.

Chegando a Santarém, o autor faz logo um passeio a cavalo e descreve o vale. Nele encontra uma janela que o enfeitiça e acredita ver um vulto lá. Se fosse feminino seria um romance. Durante o desafio de rouxinóis, imagina a personagem da janela num quadro romântico, linda mulher de olhos pretos, idealizados pelo poeta, mas que, na verdade, eram verdes, sabendo disso pois um companheiro de viagem corrige a observação dele e passa a contar-lhe a história da *Menina dos rouxinóis*.

Numa conversa com Yorick, personagem de Shakespeare, Garrett discorre sobre a paixão que move a

própria existência. Receia, por isso, iniciar a história da menina dos rouxinóis por não ter amado o suficiente, numa mistura de diálogos entre leitor, narrador e os companheiros de viagem. Decide-se por relatar apenas às leitoras uma visão que tivera há um mês:

Em 1832, uma velhinha dobava o fio olhando firmemente para o poente sem pestanejar. Repentinamente, o movimento uniforme das mãos parou, pois a meada tinha se embaraçado e ela chamou por Joanhina. A velhinha não enxergava. Joanhina, beijando repetidas vezes a velhinha, ajudou-a e trouxe-lhe fruta, pão, queijo e vinho.

A menina era gentil, bondosa, apenas os olhos eram verdes, mesmo assim, fascinantes. A avó volta a dobar o fio e a menina chora, deixando cair-lhe uma lágrima na mão da velha Francisca que lhe diz que tristeza é para os velhos. Frei Dinis aproxima-se e, de acordo com o autor, o frade é indispensável, pois poetisa a paisagem, além de trazer notícias do outro neto de Francisca, um maldito que deveria ser esquecido.

O frei chamava-se Dinis de Ataíde e, depois de passar pela carreira das armas e das letras, abandonou tudo e partiu para Santarém, tornando-se, dois anos depois, Frei Dinis da Cruz, homem austero que deixara todos os bens para D. Francisca que só tinha um neto e uma neta por família: Joanhina, órfã de pai e mãe, e Carlos, o neto que, para nascer, levou a mãe à morte.

Antes das mortes, Dinis frequentava constantemente a casa de D. Francisca, depois, numa sexta-feira, os dois fecharam-se em casa, conversaram, durante horas, e a velha ficou a chorar a noite inteira. A partir daí, Frei Dinis passou a visitar a casa de Francisca todas as sextas-feiras.

Carlos era o neto maldito que estava no último ano de Coimbra e era perseguido pelo frei. O rapaz voltou da universidade triste e melancólico e decidido a emigrar e, ao falar sobre a decisão ao Frei Dinis, Carlos foi proibido pelo frade de pensar e escolher seu caminho.

Revoltado com a pátria, a casa da avó, as ordens de frei Dinis numa casa que não era dele, contra D. Miguel e sendo a favor dos liberais, dali há duas semanas, Carlos partiu para a Inglaterra e, meses depois, para a Ilha Terceira.

Após a partida do rapaz, Frei Dinis foi à casa de Francisca, conversaram longamente e, depois de passar três dias a chorar no quarto, ficou completamente cega. Joanhina, ainda criança, depois desse dia, nunca mais sorriu para o frei que envelheceu dez anos em um dia.

A guerra era uma evidência e Frei Dinis trazia notícias de Lisboa sobre os acontecimentos, a movimentação literária e, também, uma carta de Carlos à Joanhina, que, ao lê-la em voz alta, omitira alguns dados da avó a qual, mesmo percebendo a fraude da leitura da neta, nada disse.

Na retirada de 11 de outubro, as tropas aproximaram-se devido à vitória dos Constitucionalistas e os feridos de guerra foram socorridos pelo frei, Joanhina e D. Francisca.

Uma ocasião, Joanhina dormia sobre um banco, recostada sob a proteção de um rouxinol, que parou de cantar com a aproximação de um soldado, o qual tomou a mão da menina que, ao despertar, reconheceu-o: era Carlos.

Enquanto conversavam, os soldados os cercaram suspeitando deles e chegaram a ferir Carlos que elogiou a atitude dos combatentes. Joanhina, que escrevera uma carta a Carlos, informando-o da aflição da avó sem ter notícias do neto querido, estava feliz em rever o primo que amava. Ao ler a carta, o rapaz lembrou-se ternamente da prima e, simultaneamente, também da jura de amor que fizera à Georgina, mulher rica e bela.

Em seus pensamentos, o jovem Carlos supunha a avó criminosa juntamente com Frei Dinis e, ao reencontrar Joanhina ouviu dela a confissão de que também não gostava de Dinis, pois sabia que ele era pecador, e o culpado da cegueira da avó que ele matava lentamente, afirmando que tudo era pecado e maldade.

Carlos, ao ouvir Joanhina, franziu a testa e ela pediu-lhe que não o fizesse, pois, desse modo, ficava parecido com o frei. Ao se despedirem, Joanhina revelou a Carlos que o amava unicamente, mesmo sabendo que ele estava preso afetivamente a uma outra mulher, cheia de encantos e riqueza.

O autor vai visitar os Olivais, a Igreja de Santa Maria de Alcoçova e o palácio de Afonso Henriques e, numa reflexão sobre a formação de Santarém, relata a história de Santa Iria:

Na versão dos livros, Iria era uma freira de um convento duplex e que despertara a paixão incontrolável de Britaldo, filho do Conde Castinaldo, governador das terras. O rapaz adoeceu por não ser correspondido e Iria tentou consolá-lo, converter a paixão dele e, com um discurso de santa, colocou-lhe as mãos sobre a cabeça e curou o mal do corpo.

Um monge, Remígio, também apaixonado por Iria, jurou, então, vingar-se por não a conquistar e, numa ocasião propícia, deu-lhe uma bebida e Iria apareceu depois com sinais de maternidade. Britaldo, enfurecido, ao invés de esquecê-la, reviveu sua paixão.

Todas as noites, Iria costumava dirigir-se a uma lapa oculta para conversar com Deus e, uma ocasião, Britaldo mandou um criado, Banan, matá-la. O homem, depois de assassiná-la, despiu-lhe o hábito e jogou o corpo no rio que o levou até o lugar onde hoje há uma vila com o seu nome, dando-lhe uma sepultura natural.

Certo dia, o abade Célio saiu com todos até a ribeira de Santarém e benzeu as águas do rio que se abriram deixando ver o sepulcro da Santa. Aberto o túmulo, viram e tocaram-lhe o corpo, mas não o conseguiram tirar de lá. Ao voltarem à terra e as águas novamente se juntaram.

Seis séculos depois, a rainha Isabel pediu, por meio de orações, que a santa lhe aparecesse e foi atendida.

As águas se lhe abriram e o rei, acompanhado de vários homens, tentou abrir o túmulo, sem êxito. Então, mandou erguer sobre o lugar um padrão que, apenas após a construção, foi encoberto pelas águas. Três séculos após, a Câmara de Santarém mandou refazer o marco e colocarem nele a imagem da santa.

No entanto, há um outra versão da história de Santa Iria popularmente difundida nas cantigas: A santa estava em casa e um cavaleiro desconhecido, que foi hospedado por uma noite pelos pais dela, levantou-se durante a noite, sequestrou a jovem e levou-a até um descampado a fim de violentá-la. Ela resistiu bravamente e ele a matou. Anos depois, ele passava pelo mesmo lugar quando viu uma ermida que lhe disseram ser a de Santa Iria que o amaldiçoou e ele pediu perdão.

O narrador retoma a história de Joaninha relembando o ponto de onde havia parado. Em meio a novos combates, Carlos partiu imediatamente para a luta e, ferido, foi recolhido ao Convento de São Francisco. Delirando, Carlos disse “*Georgina, Georgina, I love you still*” (p. 156). Uma enfermeira chorando ouve e assiste ao delírio de Carlos: Era Georgina.

Carlos despertou e suas mãos se mantinham segurando um pedaço de fita com uma medalha contendo fios de cabelo de Georgina. Passadas algumas semanas, ela disse a Carlos que iria devolvê-lo à família, uma vez que ele já não mais a amava como antes. Na verdade, enquanto ele esteve doente, Georgina auxiliou e acalentou a dor de Joaninha e da avó, confessando-se ao frei Dinis e confidenciando-lhe o amor que ela tinha por Carlos.

Georgina, ao conversar com Carlos, falou-lhe que via no frei um homem bom, ao que Carlos protestou imediatamente. Frei Dinis entrou no quarto do soldado e, pedindo perdão ao jovem, revelou que o amava. Em meio a situação reveladora, Carlos perguntou-lhe quem assassinara seu pai, cegara sua avó e cobrira sua família de infâmia. Dinis, caindo de bruços no chão, consentiu seus erros e pediu ao rapaz para matá-lo, pois não merecia viver.

Nesse instante, Georgina pediu a Carlos que acudisse Frei Dinis e ele, num gesto de horror, negou-se. Erguido pela moça, o frei dirigiu-se ao rapaz chamando-o de *Meu Carlos* o qual caiu de joelhos aos pés do frei e todos se abraçaram.

Em meio a tão fraternal cena, Dinis disse a Carlos que o jovem também deveria perdoar sua desgraçada mãe, o que despertou novamente a ira do rapaz que o chamou de frei do demônio, merecedor de morrer pelas mãos do próprio Carlos. Nesse instante, entrou pelo quarto a Avó Francisca que impediu a tragédia dizendo a Carlos que Dinis era seu pai. Uma ferida no pescoço de Carlos reabriu, o sangue começou a escorrer e Carlos perdeu os sentidos.

Ao recobrar os sentidos, Carlos ouviu atentamente a verdadeira história contada pela avó: Frei Dinis havia sido amante da mãe de Carlos antes de ser frei e com ela tivera um filho. Ao saber do adultério da esposa, o suposto pai de Carlos planejou junto com o cunhado, pai de Joaninha, assassinar Dinis. No entanto, o frei, defendendo-se, acabou matando os dois sem saber quem eram, devido à escuridão, e jogando os corpos no rio. Apenas o frei e dona Francisca sabiam do crime e, por causa dele, ela ficara cega e Dinis amaldiçoando sua vida eternamente. Carlos beijou as mãos da avó e retirou-se, mandando notícias suas apenas três dias depois.

O autor, já impaciente de estar em Santarém, desejava partir. Antes, porém, soubera que Frei Dinis havia saído da cidade e que Joaninha e D. Francisca definhavam ser ter notícias de Carlos. Garrett, que se sentia bem por partir mas também saudoso do passeio, deixou seus companheiros de viagem irem à frente para que ele pudesse vislumbrar sozinho a janela da menina dos rouxinóis. Em frente a casa, sentada à cadeira estava D. Francisca dobando o fio da meada e ao seu lado, o frei Dinis, magro como um cadáver.

Garrett chegou-se a eles e perguntou por Joaninha e tristemente ouviu a notícia de que ela morrera. Receoso, questionou por Carlos e o frei perguntou-lhe se conhecia Carlos. Garrett convenceu o frade de que era um amigo de Carlos e recebeu das mãos de Dinis uma carta num papel amarelo e manchado de lágrimas.

Na carta, Carlos se dizia perdido e explicava que fugira de casa pois sabia de um crime e não podia compactuar com ele nem viver olhando para frei Dinis. A avó, no entanto, era para ele cúmplice e ele, Carlos, só pecado: fora para a Inglaterra e conhecera uma família elegante na qual havia três filhas que o adoravam e ensinaram-lhe muito. Carlos apaixonou-se pela segunda filha, Laura, uma mulher fascinante, que lhe pediu que não fosse mais à sua casa. Júlia, irmã mais velha e um anjo, comunicou a Carlos que Laura não podia amá-lo pois era prometida em casamento a um outro rapaz e partiria dali a três meses para a Índia. No dia do enlace, Carlos recebeu uma carta de Laura dizendo: “*o nosso romance acabou, começa uma história séria*” (p. 222).

Em Shire, Carlos encontrou-se com Georgina, a terceira irmã, por quem se apaixonara e, durante três meses, fora feliz como ele mesmo declarou: “*O meu coração estava em — Shire, em Inglaterra, estava na Índia, estava no vale de Santarém, pelo mundo em pedaços repartido*” (p. 226).

Certo dia, Carlos passou à grade de um convento e uma freira, chamada Solidade, assolou a tristeza dele fazendo-o simpatizar ternamente com ela.

Voltando a Portugal, Carlos descobriu que sua prima Joaninha sempre o amava, porém ele tem consciência de

que a mulher que o amasse seria infeliz e, por isso, não deveria amar a mais ninguém, e seria feliz se morresse na guerra que, infelizmente, para ele, já havia acabado e ele teria de continuar vivendo. Talvez seu destino fosse se tornar um homem político ou um agiota.

Garrett entregou a carta a Frei Dinis que lhe perguntou se ele queria saber algo mais, pois, embora não o conhecesse sentia que podia lhe dizer tudo. Garrett revela-se camarada de Carlos e que embora não o visse há anos; ele tinha engordado, enriquecido e era Barão e talvez fosse deputado qualquer dia.

Joaninha enlouquecera e morrera e Georgina tornara-se abadessa de um convento que havia fundado na Inglaterra. A avó Francisca não ouvia, não falava e não reconhecia mais ninguém desde que Joaninha morrera em seus braços e de Georgina.

Frei Dinis voltou a rezar, a velha a dobar o fio e o autor foi embora parando no Cartaxo para dormir e sonhar com o frei, a velha e uma constelação de barões e cores diversas. No outro dia, sem dinheiro, voltou para Lisboa.

## 5. BREVE ANÁLISE CRÍTICA

### 5.1. ENREDO

*Viagens na minha Terra* é mais que um simples relato jornalístico, diário íntimo ou uma literatura de viagens em torno de vários problemas sociais de meados do século XIX. A obra apresenta um jogo de palavras, digressões, metalinguagem em forma de crônica que chega a lembrar as interferências irônicas de Machado de Assis em sua obra, autor que, aliás, recebeu grande influência dos literatos portugueses.

Garrett segue modelos ilustres como Xavier de Maistre, *Viagem à Roda de Meu Quarto* (1794), Lawrence Sterne, *Viagem Sentimental* (1768), além de Chateaubriand e Shakespeare.

A obra está dividida em quarenta e nove capítulos relatando as peripécias ocorridas entre Lisboa e Santarém e a divagação do viajante em torno do idílio entre Joaninha e Carlos. Os dez primeiros capítulos descrevem a viagem entre as duas cidades vistas pelo vapor, a cavalo e de carruagem, observando as divergências, políticas, sociais e, até arquitetônicas.

O mar não poderia estar ausente na narrativa, uma vez que é tradicional elemento das artes da Península Ibérica e, logo nos primeiros momentos, por meio de uma disputa realizada entre os Homens do Norte e os dos Sul, durante a travessia do Tejo, ele surge como o mais poderoso e indestrutível lusitano (comparado ao Rio Nilo), tema da discussão dos homens na barca.

Numa reflexão sobre o materialismo, Garrett preocupa-se com a destruição da humanidade para a

conquista de regalias frente a um mundo que reduz tudo a cifras: “*Quantas almas é preciso dar ao Diabo e quantos corpos se têm de entregar no cemitério para fazer um rico neste mundo*”; “*Cada homem rico, abastado, custa cento de infelizes, de miseráveis*”; “*A sociedade é materialista; e a literatura que é a expansão da sociedade, é toda excessivamente e absurdamente e despropositadamente espiritualista! Sancho, rei de facto, Quixote rei de direito*”.

Essa busca materialista faz com que o autor critique também os lisboetas que viviam apenas o triângulo central da capital, a rua do Ouro, Chiado e o Teatro de São Carlos, como se esse meio fosse suficiente para a totalidade da essência humana; “... *não prestais para mais nada ... ficarais aí alfacinhas para sempre.*”

Os ingleses também não escapam à crítica feroz de Garrett que os vê insensíveis, distantes e de quem os portugueses não têm medo, pois o que faz do britânico homem é justamente o vinho português, o do porto e o Madeira, logo, a dependência é dos ingleses em relação aos portugueses e não o inverso: “... *o inglês não canta senão quando bebe ... aliás quando está bebido*” (p. 35).

Há momentos de profundo lirismo como, por exemplo, quando tenta diferenciar o trabalho do poeta e o do filósofo. O privilégio estaria em o poeta ser namorado durante toda a existência enquanto o filósofo não consegue ser salvo Aristóteles que, já velho, apaixonara-se. Garrett, declarando-se mais poeta do que filósofo, afirma que a imaginação domina e não o sentimento, tanto que Byron, Schiller, Camões, Tasso morreram justamente por amor, enquanto Homero, Goethe, Sófocles, Voltaire viveram pela imaginação que não depende de vida: “*Imaginar é sonhar, dorme e repousa a vida no entanto; sentir é viver ativamente, cansa-a e consome-a ...*” (p. 140).

A descrença nos frades vai se fortalecendo ao longo da narrativa (prenúncio Realista), chegando a declarar que eles de nada serviam a não ser do ponto de vista artístico, sendo indispensáveis, principalmente na paisagem campestre, justamente a do livro *Viagens na minha Terra*. Garrett afirma que se contasse todos os freis da literatura, certamente daria um convento lotado.

A poesia é uma constante na obra. Carlos, por exemplo, chega a deixar alguns versos sobre seu sentimento amoroso, porém eles não foram escritos, lidos ou declamados para o autor do livro, na verdade a soldado não poria em palavras os pensamentos poéticos, pois não condizia com sua figura, o autor é que tirara uma fotografia mental do poeta e flagrara tais versos.

O bem e o mal, o profano e o sagrado são tematizados no livro por meio de referências a obras que discutem também a dualidade do ser humano. Através de D. Quixote, analisa os dois princípios do mundo que andam juntos e progridem sempre, o espiritualismo e o materialismo representados no Cavaleiro da Mancha e Sancho Pança. Em

outro instante, lança-se à análise de Fausto e o pacto com o demônio e, chegando a ter medo de brincar com o profano, volta-se para o século das Trevas e opõe-se ao das Luzes e aludindo ao transreal, encerra parcialmente com as bruxas que surgem a Banquo em *Macbeth*.

Sem dúvida alguma a maior envergadura do autor se dá por meio da metalinguagem que é o triunfo constantemente empregado para garantir a permanência da atenção do leitor e aludir à importância deste no transcorrer da narrativa, fazendo-o participar da obra e, até, conversar com o próprio autor e vice-versa, aliado sempre à irônia e ao sarcasmo contundente: “*A minha opinião sincera e conscienciosa é que o leitor deve saltar estas folhas, e passar ao capítulo seguinte, que é outra casta de capítulo*” (p. 20); “*Saberás, pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler*” (p. 22). “*Cuidas que vamos estudar a história, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulcros, os edifícios da época? Não seja pateta, senhor leitor, nem cuide que nós o somos*” (p. 22); “*Ainda assim, belas e amáveis leitoras, entendemo-nos: o que eu vou contar não é um romance, não tem aventuras enredadas, peripécias, situações e incidentes raros; é uma história simples e singela, sinceramente contada e sem pretensão.*” (p. 49)

Outro recurso excepcionalmente bem talhado por Garrett em *Viagens na minha Terra* é a mistura proposital entre personagem/autor/narrador; tornando-se, por vezes, difícil a distinção entre eles, fazendo com que os destinos e experiências dos três elementos da narrativa mesquem seus componentes a fim de transformar o leitor no quarto elemento e único capaz de costurar toda a narrativa, além de participar dela indiretamente e ser alvo de comentários irônicos e críticos do narrador.

Desse modo, o livro *Viagens na minha Terra* apresenta diferentes níveis narrativos: o narrador, o companheiro de viagem e Carlos. A proposta narrativa é a da viagem propriamente dita em que o narrador estabelece o limite inicial de um tempo que durará de segunda a sábado, período do decurso da viagem, repleto de incidentes, discussões, e outras personagens viajantes sendo que uma delas, ao passarem por Santarém satisfaz a curiosidade do narrador, relatando a história da “Menina dos Rouxinóis”. No final do romance, o narrador passa pelo Vale de Santarém e lê uma carta em tom autobiográfico que Carlos escrevera a Joaquina e que será o epílogo da novela da “Menina dos Rouxinóis”. Surge então um narrador epistolar. Eis os três narradores: o narrador propriamente dito, o companheiro de viagem e Carlos (em dois planos narrativos: o da viagem e o da novela).

## 5.2. PERSONAGENS

### 1. CARLOS

Inicialmente a personagem aparece de maneira discreta e misteriosa despertando a curiosidade do leitor o qual manterá a leitura até elucidar os segredos que envolvem Carlos.

De “*olhos pardos e não muito grandes, mas de uma luz e viveza imensa*” (p. 98) Carlos simboliza o liberalismo vitorioso e, recompondo-se do transe amoroso, toma rumo à trajetória de homem público. Personagem instável, ele divide-se entre o chamamento do amor e a fidelidade à causa social.

Por um lado, o percurso de desencantos amorosos com Júlia, Laura, Georgina, Soledade e Joaquina e, por outro lado, a atração pela causa social que se resolve na vitória do Liberalismo, mas Carlos acaba se degradando e, contaminado pelos males sociais, cede ao materialismo: “*Quando calado e sério, aquela fisionomia podia-se dizer dura; a mais pequena animação, o mais leve sorriso a fazia alegre e prazenteira, porque a mobilidade e a gravidade eram os dois pólos desse caráter pouco vulgar e dificilmente bem entendido.*” (p. 98)

Carlos vive uma trajetória semelhante à de Almeida Garrett, viajando, emigrando, envolvendo-se em questões políticas e problemas amorosos intensos, identificando-se também com os excessos do Romantismo e; ao mesmo tempo, desvirtuando-se deles em meio a reflexões e divagações que o fazem ver fadas e duendes como ocorre em *Macbeth* de Shakespeare.

### 2. JOANINHA

Menina de dezesseis anos que não era bela, era gentil, elegante e desembaraçada, pois a natureza a fizera educada e equilibrada por si só. Nela, os vícios sociais inexistem e a pureza original caracteriza seu perfil: “*Mas nesta foi a natureza que fez tudo, ou quase tudo, e a educação nada ou quase nada.*” (p. 56)

Ar de melancólico saudosismo, seus olhos verdes associados à natureza e, indicando a ligação vital de Joaquina à ela surpreendem o narrador que os consideram em discordância com a harmonia romântica de serem castanhos: “*Os olhos porém – singular capricho da natureza, que no meio de toda esta harmonia quis lançar uma nota de admirável discordância! (...) Os olhos de Joaquina eram verdes ... não daquele verde mau e destingido que não é senão azul imperfeito, não; eram verdes-verdes, puros e brilhantes como esmeraldas do mais subido quilate.*” (p. 58)

Carlos chega a confrontar os olhos de Joaquina com os olhos azuis de Georgina e os negros de Soledade: Os de Georgina dizem “*Amo-te, sou tua*”; os de Soledade,

“Ama-me, que és meu!” (p. 13) e os de Joaninha; “são um livro imenso, escritos em caracteres móveis, cujas combinações infinitas excedem a minha compreensão. Que querem dizer os teus olhos, Joaninha? que língua falam eles?” (p. 113)

### 3. FREI DINIS

Dinis de Ataíde seguira a carreira das armas e depois a magistratura, mas abandonou tudo e, partindo para Santarém, torna-se frei Diniz de Cruz, homem austero, rígido e teimoso, defensor da monarquia e esperançoso de outra vida, já que a da terra era miserável.

O narrador sequencia uma série de interrogações sobre frei Dinis, criando, desse modo, mistério que despertam a curiosidade do leitor: o que o levou à vida monástica? Por que abandonou carreira e dinheiro? Qual a razão de sua visão agourenta e desgraçada? Por que faz visitas à D. Francisca e Joaninha às sextas-feiras?

Ética e psicologicamente, frei Dinis é um homem de princípios rígidos: “O despotismo, detestava-o como nenhum liberal é capaz de o aborrecer; mas as teorias filosóficas dos liberais, escarnecia-as como absurdas, rejeitava-as como perversoras de toda ideia sã, de todo o sentimento justo, de toda a bondade praticável. Para o homem em qualquer estado, para a sociedade em qualquer forma, não havia mais leis que as do decálogo, nem se precisavam mais constituições que o Evangelho: dizia ele. Reforça-las é supérfluo, melhorá-las impossível, desviar delas, monstruoso. Desde o mais alto da perfeição evangélica, que é o estado monástico, há regras para todos ali, e não falta senão observá-las.” (p. 73)

Frei Dinis representa o mundo velho, um frade do Antigo Regime em conflito com um homem liberal (Carlos): “**Duvidar** é o único princípio, **enriquecer** o único objetivo de toda essa gente. Liberais e realistas, nenhum tem fé: os liberais ainda têm esperança; não lhe há de durar muito. Deixem-nos vencer e verão” (p. 69).

### 4. D. FRANCISCA

D. Francisca era uma velha solitária, infeliz, cega, que renunciou à vida material e tornou-se uma mulher temente a Deus e manipulada por Frei Dinis.

### 5. GEORGINA

Georgina era uma generosa moça que se compadeceu do sofrimento de Carlos e por ele acabou se apaixonando. No entanto, ela percebeu que, mesmo se sacrificando ao extremo, não conseguiria o amor dele e, por isso, recolheu-se ao convento e tornou-se abadessa.

### 6. SANTA IRIA/IRENE

Santa Iria era uma freira de um convento duplo que se dedicou à vida espiritual e transcendente. Dela se originou o nome da cidade de Santarém.

### 7. BRITALDO

Britaldo, filho do governador, nutria um amor incontrolável por Iria. Ele pode ser relacionado ao amor sentimental de Carlos, puro e obsessivo em relação a uma ou várias mulheres.

## 5.3 ESPAÇO E TEMPO

A primeira localização espacial a que o autor se refere no livro é o seu próprio quarto, em meio a constantes digressões do narrador: “*Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, de Inverno, em Turim, que é quase tão frio como Sampetersburgo — entende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.*” (p.3).

Encontrando-se em Lisboa, transferindo-se lentamente até alcançar seu destino, o narrador refere-se a várias outras cidades que encontra pelo caminho, até chegar à Santarém e a compará-la à Pompeia e Nínive.

Os locais santos referidos na obra representam distintamente a natureza saudável, alegre e refrescante da qual o homem de vida social necessita (a charneca e o Vale de Santarém), e a urbanização repleta de tradição e de elementos históricos (Santarém). No primeiro, a purificação do homem se conquista graças à beleza, simplicidade e harmonia do Vale: “*A majestade sombria e solene de um bosque antigo e copado, o silêncio e escuridão de suas moitas mais fechadas, o abrigo solitário de suas clareiras, tudo é grandioso, sublime, inspirador de elevados pensamentos. Medita-se ali por força; isola-se a alma dos sentidos pelo suave adormecimento em que eles caem... e Deus, a eternidade — as primitivas e inatas ideias do homem — ficam únicas no seu pensamento.*” (p. 38)

Já Santarém é um espaço urbano que completa e, simultaneamente, desilude o narrador, uma vez que a riqueza da memória do passado contrasta com a ruína galopante: “*Santarém é um livro de pedra em que a mais interessante e mais poética parte das nossas crônicas está escrita. Rico de iluminuras, de recortados, de florões, de imagens, de arabescos e arrendados primorosos, o livro era o mais belo e o mais precioso de Portugal (...). As ruínas do tempo são tristes mas belas, as que as revoluções trazem ficam marcadas com o cunho solene da história. Mas as brutas degradações e as mais brutas reparações da ignorância, os mesquinhos consertos da arte parasita, esses profanam, tiram todo o prestígio*” (p. 141).

Ressalte-se que o elemento edênico do Vale de Santarém projeta-se na personagem Joaninha, integrada e pertencente à esse meio e símbolo do espaço puro da Natureza: “*E uns e outros respeitavam e adoravam a menina dos rouxinóis. Entre uns e outros por tácita convenção parecia estipulado que aquela suave e*

angélica figura pudesse andar livremente no meio das armas inimigas, como a pomba doméstica e válida a que nenhum caçador se lembra de mirar” (p. 94).

A narrativa da Menina dos Rouxinóis que se passa por volta de 1832 e transcorre em meio à guerra civil portuguesa, passa-se na região de Santarém, uma cidade situada à margem direita do Rio Tejo que foi mandada edificar por Abidis, rei da Espanha em 1100 a. C., sendo por ele denominada “Esca-Abidis” e seus habitantes até hoje conhecidos como escalabitanos. Fundada por volta de 100 a. C, passou pelos domínios romano “Praesidiu Julium” e “Scalabiscatrum”, visigótico “Santa Irene”, muçulmano “Xantarim”, leonês e português “Santarém”. Santarém foi conquistada por D. Afonso Henriques (primeiro rei de Portugal) em 1147, tendo se tornado mais tarde a residência da Corte e o lugar predileto dos trovadores. D. Dinis chamou-lhe “Paraíso de Portugal” e Fernão Lopes caracterizou-a como uma das grandes vilas que há no reino.

#### BIBLIOGRAFIA:

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha Terra*. Biblioteca Digital Coleção CLÁSSICOS DA LITERATURA PORTUGUESA. Porto: Porto Editora.

DIAS, Augusto da Costa. “Estilística e Dialéctica”. *Viagens na Minha Terra*. Organização, fixação do texto, prefácio e notas de Augusto da Costa Dias, Lisboa: Editorial Estampa, 1983.

MONTEIRO, Ofélia M. Caldas Paiva. *A Formação de Almeida Garrett: Experiência e Criação*. Coimbra: Centro de Estudos Românticos, 1971.

SARAIVA, António José. *Para a História da Cultura em Portugal*. 2 vols. Lisboa: Livraria Bertrand e Gradiva, 1980 e 1995.

## 6. QUADRO SÍNTESE POR CAPÍTULO

CAPÍTULO	ASSUNTO
I	– O porquê do livro – Partida na regata – Briga dos homens do norte X do sul
II	– A viagem representa o progresso Portugal
III	– Crítica ao materialismo – Chegada à estalagem
IV	– Divagação sobre o filósofo e o ministro
V	– Receita para se fazer um drama – Transporte até Santarém na mula
VI	– Clássicos X Românticos – Século das Luzes X Século das Trevas
VII	– Crítica aos lisboetas e ingleses
VIII	– Crítica às guerras
IX	– Comparação entre as fliadas
X	– Início da Menina dos Rouxinóis – Interesse pela janela e pelos pássaros
XI	– Conversa com Yorick, personagem de Hamlet
XII	– Justificativas para a cor dos olhos de Joanhina
XIII	– Oposição aos frades
XIV	– Carlos desembarca no Porto
XV	– Frei Dinis e o Liberalismo
XVI	– História de Frei Dinis
XVII	– Dinis traz notícias de Carlos numa carta
XVIII	– D. Francisca diz que Carlos precisa saber a verdade
XIX	– Retirada de 11 de Outubro – Porque menina dos rouxinóis
XX	– Um soldado desperta Joanhina. Era Carlos
XXI	– Outros soldados comentam sobre Carlos e Joana
XXII	– Carlos lembra-se de Georgina
XXIII	– Poesia de Carlos
XXIV	– Carlos e Joanhina conversam sobre a avô e o frei
XXV	– Carlos pede segredo a Joanhina
XXVI	– Referência a Macbeth e às bruxas
XXVII	– O autor chega Santarém
XXVIII	– Descrição do Palácio de Afonso Henrique
XXIX	– Trova justificando a formação de Santa Iria
XXX	– História de Santa Iria
XXXI	– Visita à Igreja de Alcaçova (fechada)
XXXII	– Retorno ao capítulo XXV – Carlos ferido em batalha
XXXIII	– Georgina opina sobre Frei Dinis
XXXIV	– Frei Dinis pede para Carlos matá-lo
XXXV	– D. Francisca revela a Carlos seu verdadeiro pai: Frei Dinis
XXXVI	– Antecipação da conclusão
XXXVII	– História da Igreja do Santo Milagre
XXXVIII	– Visita à Ribeira – Comentários sobre módulos literários
XXXIX	– Visita ao colégio dos Jesuítas e a S. Domingos
XL	– Procissão das freiras – Mosteiro das Claras
XLI	– Autor deseja partir de Santarém
XLII	– Autor visita o túmulo de S. Fernando
XLIII	– Conversa de Garrett com Frei Dinis
XLIV XLV XLVI XLII XLIII	– Carta de Canos à Joanhina
XLIX	– O autor entrega a carta a Frei Dinis e parte para Lisboa

## 7. EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1

*Todo o drama e todo o romance precisa de:  
Uma ou duas damas, mais ou menos ingênuas.  
Um pai — nobre ou ignóbil.  
Dois ou três filhos, de dezanove a trinta anos.  
Um criado velho.  
Um monstro, encarregado de fazer as maldades.  
Vários tratantes, e algumas pessoas capazes para intermédios e centros.*

1. Na passagem anterior, Almeida Garrett apresenta uma receita de como se fazem os romances portugueses. Pode-se afirmar que os ingredientes citados se apresentam no romance *Viagens na minha terra*?

### RESOLUÇÃO:

As personagens de *Viagens na minha terra* cabem perfeitamente na receita de romance apresentada por Garrett, uma vez ela elenca elementos típicos da obra romântica que se fazia na Europa do século XIX e que eram devidamente copiados nos folhetins portugueses.

Podem ser identificadas na passagem:

Georgina e Joaninha: *Uma ou duas damas, mais ou menos ingênuas*; Frei Dinis: *Um pai — nobre ou ignóbil*; Carlos e Britaldo: *Dois ou três filhos, de dezanove a trinta anos*; Banan (Santa Iria) e Frei Dinis: *Um criado velho. Um monstro, encarregado de fazer as maldades*; Júlia e Soledade: *Vários tratantes, e algumas pessoas capazes para intermédios e centros.*

2. Qual a figura de linguagem que encontramos em *Santarém é um livro de pedra em que a mais interessante e mais poética parte das nossas crônicas está escrita*?
- a) Metáfora
  - b) Comparação
  - c) Antítese
  - d) Prosopopeia
  - e) Anáfora

### RESOLUÇÃO:

A comparação abreviada entre a cidade e o livro caracteriza uma metáfora.

Resposta: A

3. Relacione adequadamente o fragmento extraído do livro *Viagens na minha terra* à respectiva personagem:
- I. *Os seus pensamentos, as suas considerações em toda aquela noite, em todo o dia que a seguira, na hora mesma em que ia encontrar-se com o objeto que mais lhe prendia agora o espírito, se não é que também o coração, todas participavam daquela flutuação inquieta e doentia de seu ser de homem social, em que o túbio reflexo do homem natural apenas relampejava por acaso.*
- II. (...) *contemplou-a alguns momentos nesse estado e pareceu comover-se; mas aqueles nervos eram torçais de fios de ferro temperado que não vibravam a nenhuma suave percussão: deu dois passos para a porta da casa, bateu com o bordão e disse com voz firme e segura:*

— «Joana, acuda a sua avó que não está boa.»

III. (...) *não era alta nem baixa, era forte sem ser gorda, e delicada sem magreza. Os olhos de um cor-de-avelã diáfano, puro, aveludado, grandes, vivos, cheios de tal majestade quando se iravam, de tal doçura quando se abrandavam, que é difícil dizer quando eram mais belos. O cabelo quase da mesma cor tinha, demais, um reflexo dourado, vacilante, que ao sol resplandecia, ou antes, relampejava, — mas a espaços, não era sempre, nem em todas as posições da cabeça: — cabeça pequena, modelada no mais clássico da estatuária antiga, poisada sobre um colo de imensa nobreza, que harmonizava com a perfeição das linhas dos ombros.*

IV. (...) *não era bela, talvez nem galante sequer no sentido popular e expressivo que a palavra tem em português, mas era o tipo da gentileza, o ideal da espiritualidade. Naquele rosto, naquele corpo de dezasseis anos, havia, por dom natural e por uma admirável simetria de proporções, toda a elegância nobre, todo o desembaraço modesto, toda a flexibilidade graciosa que a arte, o uso e a conversação da corte e da mais escolhida companhia vêm a dar a algumas raras e privilegiadas criaturas no mundo.*

*Mas nesta foi a natureza que fez tudo, ou quase tudo, e a educação nada ou quase nada.*

- ( ) Carlos
- ( ) Joaninha
- ( ) Frei Dinis
- ( ) Laura

Resposta:

I – IV – II – III

4. Assinale a alternativa incorreta sobre o romance *Viagens na minha terra*:
- Um dos momentos mais importantes da narrativa é a passagem pelo Vale de Santarém, relatada no capítulo X, e a contemplação de uma casa que desperta a curiosidade e estimula a imaginação do narrador.
  - No final da viagem, o narrador-viajante passa pelo Vale de Santarém e lê uma carta (de tom autobiográfico) que Carlos escrevera à Joanhinha, sendo uma espécie de epílogo do romance.
  - Complementando as inúmeras digressões, o narrador comenta a história de Carlos e Joanhinha evitando ilações de teor crítico e social.
  - No romance não há apenas uma única e linear instância de comunicação narrativa, uma vez que, além do relato da viagem, encontramos também a narrativa que é instituída pelo companheiro de viagem que conta a história de Carlos e Joanhinha e a que se traduz na carta de Carlos a Joanhinha.
  - A narrativa é desencadeada por um narrador anônimo, empenhado numa viagem a Santarém e interessado de disseminar várias digressões de tendência ideológica ao longo de seu discurso.

**RESOLUÇÃO:**

Durante a narrativa desenvolvem-se várias digressões de tom crítico, irônico e de grande preocupação sócio-política.

Resposta: C

Texto para o teste 5

*Perverteu-se por tal arte o gosto entre nós desde o meio do século passado especialmente, os estragos do terramoto grande quebraram por tal modo o fio de todas as tradições da arquitectura nacional, que na Europa, no mundo todo talvez se não ache um país onde, a par de tão belos monumentos antigos como os nossos, se encontrem tão vilãs, tão ridículas e absurdas construções públicas e particulares como essas quase todas que há um século se fazem em Portugal. Nos reparos e reconstruções dos templos antigos é que este péssimo estilo, esta ausência de todo estilo, de toda a arte mais ofende e escandaliza. Olhem aquela empena clássica posta de remate ao frontispício todo renascença da Conceição Velha em Lisboa. Vejam a emplastagem de gesso com que estão mascarados os elegantes feixes de colunas góticas da nossa sé. Não se pode cair mais baixo em arquitectura do que nós caímos quando, depois que o marquês de Pombal nos traduziu, em vulgar e*

*arrastada prosa, os rococós de Luís XV, que no original, pelo menos, eram floridos, recortados, caprichosos e galantes como um madrigal, esse estilo bastardo, híbrido, degenerando progressivamente e tomando presunções de clássico, chegou nos nossos dias até ao chafariz do passeio público!*

5. Sobre o texto não se pode dizer que
- As críticas do narrador dirigem-se a aspectos da vida social portuguesa.
  - O narrador critica a desnacionalização da arquitectura portuguesa e sua falta de estilo próprio.
  - Para o narrador não está em causa apenas a invasão de estilos artísticos franceses, mas a perda da identidade nacional.
  - A referência às colunas góticas sugere a Idade Média que tanto seduzia os românticos, justamente por se entender nela a preservação da identidade nacional.
  - A simples observação de um monumento assume dimensão de reflexão histórica envolvendo várias épocas: século XIX, o tempo de Luís XV, a Idade Média e as grandes navegações.

**RESOLUÇÃO:**

No fragmento não há nenhuma referência ao século XIV e às grandes navegações.

Resposta: E

